

EDITORIAL

Em seu trigésimo quarto número, a revista *Via Atlântica* oferece dezenove textos, catorze deles integrantes do dossiê Literatura e Jornalismo: Suportes e Fronteiras. O leitor notará que eles versam sobre matéria variada, mas sob um procedimento comum, que é o de mobilizar os sedimentos quase sempre movediços da crítica e historiografia literária em função da análise de textos literários contagiados pelo jornalismo e vice-versa, desde o século XIX até o século XXI.

De modo a orientar a trajetória de leitura, pareceu-nos procedente organizar os artigos do dossiê de maneira a agrupá-los em torno de eixos temáticos, como se verifica nos textos iniciais, que versam sobre os gêneros híbridos, situados entre o jornalismo e a literatura. Primeiramente, foram contempladas produções atinentes ao campo da literatura africana e, na sequência, trabalhos que tratam da literatura brasileira e das literaturas de outros países. A seção se encerra com abordagens que evidenciam o caráter interdisciplinar das modalidades discursivas para além da imprensa e da literatura.

No texto de abertura, Cátia Miriam Costa salienta o papel relevante dos jornais na democratização e recepção de literatura, concentrando-se na obra do angolano Augusto Bastos e do português João de Macedo, este a atuar em Luanda. A autora articula diversas questões em torno da atividade na imprensa: o fator financeiro, o aspecto cultural e a criação de novos gêneros textuais, no trânsito propiciado pela velocidade e penetração do jornal.

Em seguida, Paolo La Valle, professor na Università degli Studi di Milano, trata das crônicas publicadas pelo músico Kalaf Epalanga, um dos membros da banda de música eletrônica Buraka Som Sistema, no jornal português *Público*. Em linhas gerais, o artigo procura destacar o caráter híbrido de tal produção, situada na fronteira entre jornalismo e literatura, bem como o caráter engajado dos textos do cronista angolano que, a um só tempo, denunciam o racismo da sociedade portuguesa e questionam o multiculturalismo luso.

Por sua vez, Andreia Alves Monteiro de Castro reconta o caso extraconjugal que envolveu Camilo Castelo Branco e Ana Plácido. Considerado um escândalo, na época, o episódio não só repercutiu nos jornais do Porto, mas foi transporta-

do para a literatura, o que permite à autora considerar que a interpretação dos fatos pode alargar, senão driblar, as margens entre o fato e a ficção.

O artigo seguinte, de Claudia Barbieri Masseran, constrói a biobibliografia de Gervásio Lobato (1850-1895), expoente do jornalismo oitocentista português. Homem de perfil multifacetado – cronista, folhetinista, ensaísta, diretor literário e redator-chefe –, Lobato foi um dos comediógrafos de maior sucesso do seu tempo e, a despeito de ter sido praticamente esquecido pela crítica construída ao longo do século XX, deixou um legado extremamente significativo tanto no campo jornalístico como no campo literário.

Na sequência, o artigo “O jornal como fonte literária na virada do século XIX para o século XX: o caso de São Paulo” focaliza a realidade brasileira da Primeira República e defende a importância do jornal para os estudos literários sobre o período. Nesse sentido, o pesquisador Rafael Rodrigo Ferreira, ao se debruçar sobre as particularidades do diálogo entre a literatura e o jornalismo no cenário paulista, chama a atenção para a centralidade do jornalismo no que diz respeito à configuração e circulação de projetos literários fundamentais para a modernidade e a modernização das letras brasileiras.

Já o texto de Renato Barros de Castro e Denise Costa mobiliza os conceitos de “porosidade”, “matriz literária da imprensa” e “matriz midiática” para avaliar a atuação jornalística de José de Alencar na imprensa carioca entre os anos de 1854 e 1856. A partir da análise da peça *O Rio de Janeiro às direitas e às avessas* e das considerações de Alencar a respeito da criação de um teatro com “cor local”, os autores iluminam o caráter inovador do debate instaurado à época sobre a construção do teatro brasileiro.

Em “Antecedentes e repercussão inicial da publicação dos *Faróis* (1900) de Cruz e Sousa”, Álvaro Simões Júnior analisa algumas notícias veiculadas por ocasião do segundo aniversário de morte do poeta e também a repercussão imediata, na imprensa periódica, da publicação de seu livro de poesia *Faróis*. A leitura crítica desse material demonstra as divergências que marcaram a recepção da obra daquele que talvez seja o mais importante poeta simbolista brasileiro e deixa entrever como a ideologia racista, tão em voga à época, teve papel determinante no modo como se constituiu a crítica sobre a produção do escritor afrodescendente.

Avançando no tempo rumo ao século XX, Tânia Sandroni propõe, em chave metonímica, uma leitura da crônica “Enfermeirinhas espertas”, de Tereza Qua-

dros, uma das máscaras utilizadas por Clarice Lispector. Tal pseudônimo foi utilizado pela célebre escritora intimista no ano de 1952, quando ela esteve à frente da coluna feminina “Entre mulheres” do jornal carioca *Comício*. Nesse periódico, dirigido por Rubem Braga, Joel Silveira e Rafael Corrêa de Oliveira, a autora de *Perto do coração selvagem* publicou crônicas com incontestável valor literário, sendo que algumas delas deram origem a contos publicados posteriormente em sua obra.

Em seguida, Giselle Larizzatti Agazzi e Joana Rodrigues analisam o trabalho de Antonio Callado como repórter com ênfase para o diálogo estabelecido entre as produções do autor estampadas na imprensa, sobretudo entre as décadas de 1960 e 1970, e o hibridismo típico do jornalismo literário. Conforme argumentam os autores, o intelectual carioca, tendo vista sua ampla e multifacetada atuação como jornalista, contribuiu de modo decisivo para a constituição de tal gênero no Brasil. Nas reportagens publicadas no referido período, Callado propõe-se a aprofundar o potencial simbólico da linguagem, produzindo complexos panoramas nos quais convergem análise, opinião crítica e um trabalho detido de construção artística.

Já Raquel Illescas Bueno e Annalice Del Vecchio de Lima estabelecem aproximações estilísticas e temáticas entre o romance e a crônica de Cristovão Tezza. As pesquisadoras detectaram relações entre a autobiografia e a metaliteratura, o que confirmaria os liames entre a atividade na imprensa e na ficção. Haveria um caminho de mão dupla entre o jornal e o livro, em meio ao constante diálogo entre autor e leitores.

Por sua vez, com ênfase no texto jornalístico de Gabriel García Márquez, Bibiana de Paula Friderichs e Fábio Luís Rockenbach buscam compreender de que maneira o escritor colombiano, no início de sua carreira na imprensa, procurou quer se adaptar, quer rejeitar certas normas de padronização instituídas pelo jornalismo moderno (com destaque para o uso do *lead*, o apego à veracidade dos fatos frente à ficção, a construção do efeito de objetividade, o controle da adjetivação excessiva e o uso da descrição detalhada). Em linhas gerais, os autores demonstram que, em seus primeiros anos de profissão, García Márquez procurou conciliar exercício da imaginação com a proposta de noticiar os fatos com objetividade, cristalizando seu nome como um dos expoentes da vertente do novo jornalismo latino-americano.

De modo análogo, Emerson Campos Gonçalves e Robson Lourero se põem a examinar a intercomunicante linha tracejada que separa jornalismo e literatura na obra da bielorrussa Svetlana Aleksievitch, escritora também galardoada com o Nobel de literatura. Partindo da categoria de *Erfahrung* (experiência), presente nos estudos de Walter Benjamin, e considerando-se a impossibilidade de estabelecer de modo definitivo os limites éticos e estéticos que encerrem cada narrativa da autora situada no meio do caminho entre um e outro campo mencionados, os responsáveis pelo texto destacam o papel do jornalismo literário como alternativa aos produtos hegemônicos veiculados pela grande imprensa. De modo geral, aquele se diferenciaria destes seja por sua capacidade de denunciar contradições nas representações da modernidade, seja porque atestaria a falência de diferentes categorias formais que ainda hoje definem o labor jornalístico.

Encaminhando-nos para do final do dossiê, Leandro de Oliveira Lopes, ao discutir o gênero “conto-reportagem”, salienta o papel de João Antônio, em sua trajetória de aproximação entre a literatura e o jornalismo. Nesse movimento, ao analisar “Um dia no cais”, o artigo avalia o papel da revista *Realidade*, veículo que o pesquisador compreende como exemplar da incipiente indústria cultural no país.

Por fim, Renata Beatriz Brandespin Rolon destaca a intensa atividade jornalística no Estado de Mato Grosso, voltada em particular para o público juvenil, no início do século XX. Para a pesquisadora, os vínculos entre o jornal e a literatura teriam sido reforçados a partir dos estímulos à leitura por parte de escritores em formação.

Temos a convicção de que os textos que compõem este dossiê ampliam o entendimento sobre os complexos e produtivos diálogos estabelecidos entre a literatura e o jornalismo. Os artigos que ora apresentamos põem em relevo o papel decisivo da imprensa como uma instância de recepção literária qualificada, bem como afirmam a produção de escritores-jornalistas e jornalistas-escritores como possibilidades críticas e criativas de compreensão da realidade.

Boa leitura!

Jean Pierre Chauvin (ECA, USP)

Thiago Mio Salla (ECA, USP)

Vima Lia de Rossi Martin (FFLCH, USP)